*à Nádia*
*à família*
*aos amigos*

*TÍTULO*
*Memórias versais de um exógamo*

*AUTOR*
*João Pimentel Ferreira*
*joaopimentel.pt*

*EDIÇÃO*
*Edição de autor*

*COORDENAÇÃO LITERÁRIA*
*João Pimentel Ferreira*

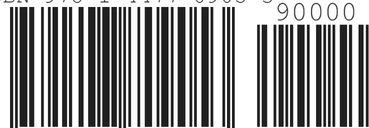
*FOTOGRAFIA DA CAPA*
*"Caressing the coffee pot" – Modelo fotográfico, Nádia Lopes, bebendo café no café Benard em Lisboa*

*AUTOR DA FOTOGRAFIA DA CAPA*
*João Pimentel Ferreira*

*IMPRESSÃO*
*www.lulu.com*

*DATA*
*Maio de 2011*

*Direitos reservados segundo a legislação em vigor*



# *Memórias versais de um exógamo*

Poesia lasciva de
João Pimentel Ferreira

## A língua Portuguesa racional, filosófica, lasciva e poética

Por todos os tempos, eras, milénios, e desde os registos mais arcaicos da humanidade, os homens sempre tentaram a supremacia física e intelectual sobre os demais. Os antropólogos constatam por exemplo que numa tribo africana certos rituais de acasalamento envolvem uma luta bem definida entre dois homens adultos para se decidir quem vai maritalmente envolver-se com uma certa dama fecunda que normalmente está na fase da adolescência. Na idade média dois cavaleiros digladiavam-se a cavalo, bem armados e com armadura para aferirem qual dos dois seria o mais nobre e propenso a se envolver libidinosamente com uma cândida e voluptuosa dama, normalmente nobre e aristocrata. O que é exigível então aos seres humanos que se digladiam, senão apenas técnica, força e agilidade. E qual o prémio supremo com que são agraciados senão apenas a imortalidade e o legado sanguíneo e genético. Se observarmos estes paradigmas do ponto de vista macro-social, reparamos que os homens entre si se juntam para formarem populações, pequenos povos, estados, nações, países, alianças ou impérios. O paradigma que então se aplicava estritamente aos dois seres tribais que se digladiam, pode por aferência generalizar-se às aglomerações de indivíduos formalmente estabelecidas, como a título de exemplo as nações ou as alianças que se formam para combater outras forças militares.

Quando nos finais do séc. XIV D. João I, Mestre da Ordem de Avis se envolve maritalmente com uma nobre dama Inglesa de nome Filipa de Lencastre, o pressuposto linguístico iniciático, lascivo, filosófico e racional estabelece-se para a posterioridade. D. João I, lembremo-nos era filho de D. Pedro, um rei irascível, cognominado de o cruel pela barbaridade que perpetrou aos carrascos da sua eterna amada Inês. Sua mãe era uma plebeia desconhecida de nome Teresa, com quem Pedro se envolveu após a morte de Inês. O envolvimento institucional e libidinoso do casal João e Filipa germinou a denominada por Camões ínclita geração de onde se inclui o Infante D. Henrique nascido no Porto. A Ordem de Cristo que sucedeu em Portugal a Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo foi o Saber; já as ondas do mar azul foram o meio para a descoberta de um admirável mundo novo através dos oceanos.

Os muçulmanos começaram a invasão da península ibérica quando as forças do general Tárique cruzaram o mar mediterrâneo em 711. A cultura muçulmana e árabe foi-se disseminando pela península ibérica e as forças cristãs no movimento denominado por Reconquista só em 1492, cerca de oito séculos depois, conseguiram expulsar da Ibéria o último soberano adepto do Islão, aquando da tomada de Granada.

Os judeus, povos semitas, sempre tiveram uma presença deveras marcante na península ibérica, mesmo após a expulsão dos mesmo decretada pelo decreto de Alhambra promulgado pelos reis Católicos em 1492 e seguido pelo rei português D. Manuel I. A conversão forçada por certo terá sido o caminho tomado pela maioria dos semitas em Portugal dando origem a título de exemplo a diversos patronímicos nos então Cristãos-novos.

Os ingleses encontraram frequentemente um refúgio veraneante por paragens algarvias, e de uma forma muito mais secular haviam encontrado no norte do país palácios e palacetes que agradaram aos seus intentos, assim como o fizeram outros povos como os Dinamarqueses que deram descendência á excelsa poetisa Sophia de Mello Breyner.

Esta ocidental praia lusitana tem sido através das eras um refúgio para os desventurados, os incautos, os iluminados, os perseguidos, os exilados, os refugiados, os filósofos e os poetas, mas todos cingidos e reiterados a um único padrão estandardizado em torno do magno Infante, o grão-mestre da ordem de Cristo.

A língua portuguesa é bárbara e semita, berbere e visigótica, cristã e muçulmana, latina e magrebina, filosófica, lasciva, poética e indo-europeia, sendo assim verdadeiramente franca, humana e universal.

E a minha amada que muito amo interessantemente tem um nome eslavo adaptado à fonologia e grafia lusitanas, e é a ela que dedico estes magnos escritos poéticos.

## Que o nosso amor nunca feneça

Nos tempos imemoráveis presentes
onde as moças se mostram desnudas
amo os seios, e as pernas nuas.
Amamo-nos nos desejos prementes

Rimo-nos, olhamo-nos contentes
sob a luz destas erógenas luas
nestas coxas, que são minhas e tuas
observamo-nos sorridentes

Escrevo os escritos do pudor
A mão esquerda, colhe a cabeça
A direita escreve com fervor

o que anseio que a minha amada peça
Amo-te tanto Nádia, meu Amor
e que o nosso amor, nunca feneça.

## A Inês de Castro

Entre os versos desta Inês
que em Alcobaça jaz descansada
Foi D. Pedro que a tornou vingada
nos murmúrios de um amor a três

Pois Castro, casta se fez
E D. Pedro no leito da amada
Tornou Inês embaraçada
Embaraçou o Reino Português

E em Coimbra, o sanguinário punhal
a mando de Afonso IV, o bravo
Qual bravura!? Matar dama sem igual

Mas D. Pedro, o Cru, cravou o cravo
sob a égide de uma raiva abissal
que me inspira nos versos que gravo.

E nas efemérides versais da História
Depois de cruelmente assassinada
Foi D. Inês enobrecida, foi coroada
Para que o Povo a traga na memória

E D. Pedro para magna glória
Para repouso da sua amada
em Alcobaça, bem afamada
deslindou a sacra convocatória

Beijai a mão da Rainha!
É El-Rei que vos ordena
Vede em Santarém a chacina

Da raiva de um rei que não tolera
Beijai a mão desta menina
Ordens d'El-Rei, que desespera

E depois de Pedro fenecido
às mãos do divino Criador
Vingada a raiva, e o seu fervor
E o seu magno túmulo construído

Inês encontra o seu marido
El-Rei D. Pedro, seu Senhor
na última morada do Amor
No mosteiro pelos monges erigido

Amam-se os dois, fronte a fronte
Sobre a cruz latina do mosteiro
Chorou o Povo, construo a ponte

da História Lusa do desejo
e que nutra a erógena fonte
da dócil Nádia, que amo e cortejo.

## O Cruzado do Amor

Visto as penas da saudade
Visto as penas da amargura
Dispo-me da sobriedade
Lavo as mágoas da lonjura

Corro pela tenra idade
Das manhãs desta ternura
Onde se evoca a trindade
Dos lânguidos seios da doçura

Amo as ninfas do desejo
Amo a Nádia a minha amada
Sou o mestre do ensejo

O Infante da alvorada
João o Grande, sou sobejo
Sou o Islão, sou a Cruzada

## Um pentagrama sonetial dedicado à Nádia

Queria abraçar o mundo
Perder-me em azuis contornos
Navegar por mares mornos
Ir até ao vulcão mais fundo

Quero nadar no rio imundo
Embelezar-te com flores, adornos
Aterrorizar-me com os campos e fornos
do holocausto. Sou o ser profundo

Quero observar-te feliz
Quero ver-te reluzir
Dou o Mundo, se te ris

Quero a mágoa abolir
O Sabor Soror Senil eu fiz
de te Amar e de me vir

Vou ao Mundo e já não venho
Trilho os passos da paixão
de te olhar o coração
Vê o Mundo e seu tamanho

Tomamos o Sagrado Banho
nas águas da imensidão
e os Versos de eleição
São os que segredo, se me acanho

Escrevo os termos floreados
e atravesso o nevoeiro
Somos dois enamorados

Sou o jugo, o primeiro
Somos os dois mais amados
És a Ordem e o Carneiro

Deste Rio que em Janeiro
no sul é fogo e é quente
em que peca o homem crente
É este mês assim primeiro

Serei eu o pioneiro?
Serás tu a dama ardente?
Neste caldo infernal fervente
Ou serei um arruaceiro?

Quem és tu terna amada?
És aquela a quem segredo
És a amiga enamorada

A que me afasta este medo
A sereia enseada
És a Cruz Crescente: O Credo.

O toque das tuas mãos
adorna-me a pele carente
E este corpo que não mente
prende-se em desejos vãos

São os teus beijos sãos
que me dão a serenidade
A pacífica salubridade
Somos apenas dois irmãos

E até que a morte nos separe
Ter-te-ei a meu lado
Quero o Mundo, a Saudade

Renego assim o atroz fado
És a janela que se abre
Para a Liberdade no austral cabo.

E se a Áustria é Setentrional
tem a beldade dos hiperbóreos
da beleza dos Germanos olhos
És tu Nádia o sul astral

És quem renega o breu fatal
És a Germana dos corpóreos
sentidos que procuro, és os flóreos
sentimentos, és a Intemporal

És a latina escaldante
És a africana sorridente
És a Moura, és a amante

És a germana bela e ardente
És a América, livre e gigante
És a sina: O Oriente

## A terna volúpia

Na cama da vida
no mundo dos céus
eterno prazer
Na espécie perdida
das puras mãos
que me fazem doer

O mundo das chamas
O mundo das almas
o mundo que amo
é o mundo que amas
o mundo da calma
O mundo profano

Amo-te a ti
meu perene amor
da pura saudade
Sobrevivi
um' atroz dor
salubridade

Quero as carnes
as ternas volúpias
as dóceis paixões
Minha chama que ardes
nas noites de núpcias
unidos corações

A minha perene
e inigualável
anseia por ti
Sou alguém que teme
o amor afável
A mulher que sorri

Se te amo não digo
Não crês que te ame
Sim, eu desejo
o terno abrigo
por que anseio
Amor eu prevejo

Os teus dóceis beijos
As tuas carícias
De puro veludo
São puros ensejos
de cruas fictícias
Atravessa-me o muro

Como te amo
minha dócil princesa
minha terna volúpia
O amor que é profano
O amor nesta mesa
O amor que usurpa

Estigmas da carne
o estigma da alma
o estigma do ente
que amo, que arde
que retira a calma
do homem que é crente

Das divinas paixões
das dóceis carícias
do mundo de outrora
elevam-se corações
dóceis perícias
que sinto agora

As caras metade
das dóceis mentiras
daquilo que sinto
A crua verdade
da virilidade
que em ti pressinto

Escrevo-te assim
dócil amor
digo que amo
que me ames a mim
qual professor
aluno profano

Dócil paixão
Um terno luxo
de quem pereceu
de tal coração
que foi assim frouxo
que em tempos morreu

Revitalizou-se
Nasceu de novo
Assim procriou
amor diferente
Amor ao povo
Amor que durou

Escrevo-te assim
dócil amor
digo que amo
Um amor sem um fim
Um fim eterno
Um fim que proclamo

Um fim a teu lado
Se digo que amo
Oculto inverdades
Amor recalcado
De um mundo mundano
Mentiras, Verdades

Sem ti pereço
Morro e caio
Perco o norte
Sei que pareço
Um mero lacaio
à beira da morte

Mas digo verdades
Puras verdades
e só a verdade
que sinto saudades
puras saudades
da cruel mocidade

O mundo que sinto
digo-te assim
pelos cinco dedos
dor que pressinto
Ama-me a mim
Afasta-me os medos

Temo-te pois sei
o quão te amo
minha cara-metade
Minha dócil paixão
Assim proclamei
Disse a Verdade

*a uma bela e voluptuosa dama portuguesa de nome Sónia Portugal*

## À idílica eslava

Atingi, a pueril zina
desinibindo-me do pudor
resfriada por uma dor
de uma ausência feminina.

E subjugo-me à minha sina
ao esquadrinhar o interior
de mais uma gasta flor
que da castidade, é assassina.

As hormonas, são esta lava,
fecunda hemoglobina
derramada numa Eslava,

intitulada de Katrina.
E desde há muito planeava
dedicar-lhe esta rima:

Dizes-te minha prima.
De largo grau, eu confirmo
ser teu primo, e aqui primo
por definir-te: concubina

Apresentaste-te: "Catarina".
Corpo esbelto, aspecto fino.
A luxúria é o teu hino.
O teu fojo, a tua mina

O que denotas tu em mim?
Físico torpe, coração mole
O prazer é o teu fim

Essa boca, o teu fole
meu doce alecrim,
meu áureo girassol.

## Embriaguez

Embriagado, assim estou eu
Vagabundo em terra natal
Pratico o bem e faço o mal
Sou cão vadio que padeceu

De patologia de quem sofreu
Por um Amor mais infernal
Por uma carícia divinal
De um abraço de quem foi réu

Este pretérito singular
Se na pessoa for o terceiro
Se não evoca o verbo Amar

Pronome pessoal, é o primeiro
Aprendo assim eu a rimar
De último, sou pioneiro

**Dócil Negrura**

Não, aqui não minto
Erróneas palavras que descrevo
Apenas receio o que prescrevo
Apenas afasto o que pressinto

Vinho: cor do sangue, apenas tinto
Pois do sangue que aqui escrevo
É o ardor vermelho que elevo
É a carne, o ardor que sinto

Negras peles que procurei
Negras carnes que pressenti
São negros os seios que toquei

Sublimo o momento que vivi
Negros braços que abracei
Em negro corpo me perdi

## Veneza, a Deusa da água

Pelos verdejantes canais venezianos
Onde gôndolas navegam tranquilas
Poucas polis, cidades ou vilas
Revelam monumentos tamanhos

Intensos pacatos, momentâneos
Dois dias em cidade migratória
Ancestral vila piscatória
Que se entrega aos prazeres mundanos

Carnavalesca, alegre, serena
Veneza, mulher da água
Fria, áspera, amena

Que m'inunda e lava a mágoa
Patrícia, Moura, Helena
A mais bela deusa da Frágua

## O Poeta paradoxal

Estou contente, mas descontente
Eufórico, mas estou triste
Sou um fraco que resiste
a amar eternamente

Ateu, que em Deus é crente
que questiona se Ele existe
que divaga, que persiste
na luxúria que é ardente

Sou um paradoxo eterno
O prelúdio imortal
Rude, pacato e terno

Cadáver sensorial
Sou o infinito efémero
Sou a aurora boreal

**Amor carnal**

Amo a mulher exuberante
A extrovertida, a recatada
A mulher livre enclausurada
nesse prostíbulo distante

Preconizas-te como amada
nesse acto fustigante
E este coito errante
desvanece-se na alvorada

És a deusa dos sentidos
A que evoca a sensação
Os homens por ti perdidos

Refugiam-se na paixão
Posto isto, sucumbidos
à inevitável desilusão

## Audaz primazia

Os escritos cravados na carne
São tatuagens indeléveis
Amor e ódio tão férteis
Não saram a ferida que arde

Sou eu, o regente cobarde
Ostento os falos erécteis
São aves, rastejam, são répteis
Na alvorada contemplo a Tarde

Sou aquele que ninguém quer ser
Sou a calma tempestade
Quero ver Roma a arder

Qual Nero em sobriedade
Sarem-me a dor ao padecer
Sou Primaz: A Cristandade

## À cândida e voluptuosa framboesa

Minha Nádia, minha doce Princesa
perco-me nos teus braços
envolvo-me em teus abraços
Saboreio-te, adocicada framboesa

Elevo-te, na mais alta nobreza
Apaixono-me pelos teus traços
faciais, damos os sublimes laços
És quem me renega a tristeza

Lábios voluptuosos
A face é carnuda
Seios mais formosos

A tua pele é de uma alvura
Castanhos olhos libidinosos
És o exemplo clássico da candura

**Memórias de um doce ritual edénico**

Há dias serenamente contemplei
bela e elegante transalpina
Intriguei-me com a delicadeza: da mais fina
Questiono-me o que amanhã lhe direi

De certo, jamais me perdoarei
se não aniquilar esta nefasta sina
de quem ama, não possui, só rima
Não sei se o que quero fazer o farei

Pedem-me o Universo como dote
Despojo-me! De bom grado o darei
A sua ausência, não há quem suporte.

Resigno-me, perplexo, não sei o que sei
Apenas sei que a Paixão é mais forte
por Eva, que aqui vigorosamente elevei

O que digo não se escreve
O que escrevo não se diz
Pois se olhardes o que fiz
Pesado foi: tornou-se leve.

E esta paixão? Que se eleve!
Que a consuma, para ser feliz
Quererei, aquilo que quis?
O meu ego, o divino teme.

Então porque a anseio eu?
Porque se incrusta na minha mente?
Amo apenas o que se perdeu

O outrora, o inteligente
E tal Julieta, tal Romeu
Amo-a ardentemente!

*a uma bela dama italiana proveniente de Udine de nome Eva*

**O Reino divino do amor sedento**

Preciso de ti, como o mamífero da mama
como o carnívoro precisa da carne,
És o astro fogoso que arde
No leito comum, na divina cama

És o fogo nu que arde com chama
Sou o réptil, o insecto, a ave
Que te toca, que suga o teu néctar suave
És a flora, sou a fauna, que o Criador ama

Careço-te, como o peixe das águas
Como o salmão, do topo das rias
Necessito-te, para abolir as mágoas

Dos tempos vividos, por terras frias
És a terna ternura, as ardentes fráguas
Em Vénus e Afrodite é que tu te revias

## Os ímpetos intempestivos do âmago

Esfaqueio e estripo, por paixão
Amo as dóceis ninfas, por loucura
Bato-me contra os homens por bravura
Exacerbo e mito, da sensação

Será a libido ou o coração
O néctar para a divina cura?
Que efemina a alma mais dura
Amo quem me ama de antemão

Bato-me fortemente, contra a razão
De uns déspotas execráveis
Enfrento o clérigo e o mação

Endinheirados miseráveis
Sou a ínfima divinal porção
A salvação dos subordináveis.

## Nano-tratado poético sobre
## um esbelto semblante Helénico

Por ti bela Anastácia
Cedia a Anatólia e a Trácia

Vendia o mundo aos Persas
As nossas mãos imersas

no desejo da conturbada
guerra indesejada

Para ti, é pequena a Prússia
Vendia todo o Leste e a Rússia

Incendiava aqueles Unidos
Todos eles assim perdidos

Vendia-me a mim e este corpo
Que sem ti, de vivo é morto

*a uma dama jovem grega de nome Anastácia*

## Ímpetos dunares com uma eslava fecunda

A mensagem é o pretexto
E é água, o vulto, o texto

Escrito nas areias da solidão
Sofreguidão

O tenor é a loucura
A silhueta é a lonjura

De te perder pelos epítetos da Palavra
que foi oferecida e nem desejada
nem por ti amada

Mas os olhares
Se me sonhares
São o mundo
do azul profundo

Foste a minha Nazarena, fui o teu Samaritano

*a uma bela loira jovem russa de nome Nelly Zander*

## Soneto à Gomorra Lisbonesa

Por aqui passam putas, e passam chulos
Passam paneleiros endinheirados
Vagueiam velhos ricos depravados
Por aqui, os cornos mansos ficam fulos

Castos, celibatários, ficam impuros
Carochos, paneleiras e drogados
A luxúria e o despudor são aclamados
Da moral, quebram-se todos os muros

A felação, é o prato de cada dia
O Intendente, bradaria aos céus
pois aqui pratica-se a sodomia

No purgatório serão todos réus
Este é o bairro da heresia
onde se erguem todos os véus

escrito à mão numa noite no Bairro Alto

## Ignea Aqua

O primeiro gole arranha
O segundo gole assanha
O terceiro aquece
O quarto endoidece

O quinto entristece
Já o sexto enobrece
O sétimo é proibido
Ao oitavo é o alarido
O nono é divino
Ao décimo canta-se o hino

O hino da ebriedade
O hino da loucura
Arrebata-se a formosura
Evocamos a saudade

Questionamos os princípios
Evocamos a paixão
Damos os abraços ímpios
Nutrimo-nos de tesão

É assim o suco, da loucura
A água, que é ardente
Torna o clérigo, um descrente
Torna a casta, uma impura

## A Invicta dos Deuses loucos

Ó Porto de Portugal
Dos portuenses e Portugueses
Tens um povo sem igual
Tens plebeus e tens burgueses

Venceste Junot e os Franceses
Cristandade transcendental
Acolhes burgos Ingleses
Toponímico berço nacional

Ó Porto da minha terra
És a invicta mais briosa
Tens o Dragão que é a Fera

A Poetisa mais formosa
Representas a Quimera
Cidade maravilhosa

Ó Porto sobre o Douro
dourados fluxos de águas
criaste os mestres do tesouro.
O Infante das Alvoradas

E o Peres que matou Mouros
E a Sofia que escreve as fráguas
da linhagem de homens louros.
Tens o rio, que me lava as mágoas

Casaste D. João, o Primeiro
com nobre dama de Lencastre
O teu homónimo padroeiro

Escreve este humilde traste
Que se intitula, pioneiro.
Foste tu que me sonhaste

Ó Porto, vagabundo
que aportas homens doutos,
que te encontram, no fim do mundo
e que comportas poetas loucos

Representas Portugal profundo
E pela cultura te apoucas
Acolhe este moribundo
Aceita-me estes escritos ocos

Ó Porto do meu país
De Michaëlis, és Carolina
Comportas a nobre raiz

desta nação feminina
És a República mais feliz
És o Auge, és a Doutrina!

Ó Porto, portuário
Tens o ébrio suco divino
Que me faz suportar o calvário
Dos traumas de menino

Canta comigo este Hino
deste verso sanguinário
em que te retrato o cenário
que retrata o feminino

Ó Porto da minha vida
Ama-me, e amo-te a ti
És o Porto da despedida

És o templo em que sorri
Para Lisboa faço a partida
Em ti vivi, em ti escrevi!

**Sou uma hiena no cio**

Trespassai-me com falos viris,
com paus e agulhas escaldantes,
atravessai-me com lâminas que jorrem
o sangue esbranquiçado

Trespassai-me de lado a lado
pois sou uma hiena no cio
que me encho de desejo e brio
percorrei todos, o meu corpo sensual

que venha um pelotão possuir-me
tomar-me e sodomizar-me
pois sou uma hiena no cio
que me encho de desejo e brio

pegai no meu alvo e fervilhante dorso
agarrai-me nos quadris
cavalgai sobre esta sela de epiderme que ferve
que deseja ser roçada
e penetrada

Vinde legiões e legionárias
Vinde bárbaras, visigodas e mouras
Vinde eslavas e sauditas
Vinde otomanas e nazistas
Vinde possuir esta lésbica homofóbica

Quero ser possuída, quero ser tomada
quero ser trespassada e estuprada
violada e desflorada
degolada e inundada em hemoglobina
esbranquiçada

pois sou uma hiena no cio
que me encho de desejo e brio
quero o coito que afasta o frio

Sou o leopardo que a sodomiza
O macho viril que a brutaliza
que tomo por trás a hiena no cio
que se encheu de desejo e brio

## Ode a Lisboa maçã

Trilhai os passos da loucura
Ó Lisboa, bem amada
tão garrida e delicada
tão cheia de lisura

És um hino à Formosura
E em Chelas ensanguentada
Em Alfama afamada
No Terreiro enclausurada
Vejo-te no Fado a ternura

No Tejo vejo a canoa
do Martinho da Arcada
Leio os versos de Pessoa

numa rima opiada
Ergue-te literata Lisboa
És Poetisa Iniciada

Das Letras, és deputada
Sou Eu quem te afeiçoa
A ti e à Madragoa
Lisboa imaculada
sob a manta enublada
do terror de quem te atordoa

na Rotunda és a Leoa
do vilão és a viloa
de Portugal és a República! És a Varoa
Pois sou eu singrada Lisboa
E não me permitais escrever à-toa
Que no teu dorso, na tua proa
Magnanimamente te coroa

Ó Lisboa bem amada
Da Joana afamada
De Bocage e de Pessoa
De Camões que se fez para Goa
Da Florbela enamorada

Apresentai-te imaculada
Para que de mim sejais
lexicalmente desflorada

Ó Lisboa!
Gaja boa!
Bem afamada
E bem amada!

Onde te estabelecem tratados
Atlânticos e Europeus
que não serão respeitados
nem por patrícios, nem por plebeus

Perdoai-me a ofensa Lisboa
escaldante e voluptuosa
dama de honor mais formosa
aceitai a minha coroa

Pois seu eu quem te enobrece
Pois seu eu quem te abençoa
Sou eu quem te afeiçoa
Sou eu quem te atordoa
Sou eu quem te doa
A magnânima coroa

Ó varina boa!
Lisboa!

## Poetisas escaldantes

Escaldantes mulheres que vejo
Bons peitos e boas nádegas
Penetrações culminadas
em ímpetos sobejos

Nos lábios dou os beijos
Nas coxas, palmadas
Entre as pernas iluminadas
O templo dos desejos

Fui Bocage, já não sou
Sou Pessoa no Martinho
Florbela caminhou

na minha alma de menino
O mundo comigo mudou
Aspirjo o poético hino

## O sacramento pornocrático

Encetaram todas elas o rito
ao invejarem o macho fecundo:
um homem nobre, são, moribundo
que as fez vociferar bem alto o grito!

“Morte! Morte! Matai o mito!”
Propalavam elas com ódio profundo
ao pária sem pátria, ao homem do mundo
“Regeremos nós, até ao infinito”

Acedeu-lhes à súplica o grão-vil,
ciente do suplício do galã
“Regerei por muitos anos. Sejam mil!”

“Não se nega este rogo à mulher maçã”
E num ímpio concílio, em secreto canil
decretou-lhe a morte, o imundo titã

## À casta e sensual Lúcia

Sois Lúcia, nome de casta santa beatificada
Amar-vos-ei, minha mulher, para a eternidade
quando o nosso matrimónio, celebra a trindade
Sois bela, voluptuosa, exuberante e a mais amada

E os abraços que trocávamos, na madrugada
Cheios de paixão fogosa e mutualidade
do primeiro beijo, que nos remete, para a saudade
Sempre fostes a ansiada, e a desejada

Sou José, o pai biológico do Messias
Sois Lúcia, a nobre mulher mais formosa
Por ti venço batalhas, titãs e até Golias

Por ti executo a acção mais dura e mais honrosa
Amo-te Lúcia, em nossas sacras eucaristias
Das Mulheres, és Afrodite, a eleita, a mais gostosa

## A neerlandesa

Caminhais neerlandesa entre os ciprestes
procurais a verdade e a virtude
buscais a razão pura e o amor salubre
num Inverno com árduos ventos agrestes

Criastes na Europa os grandes Mestres
e à força das águas graves és imune
julgastes os criminosos amiúde
na Haia, cujos déspotas não temestes

Doce neerlandesa, deusa loira
Incuti-me o pecado e a luxúria
Contrastais com a fadista moira

és o ícone sacro da candura
sois bela, sois a dama quem doira
o meu ego, que em vós revê a ternura

## A encarnação do arquétipo

A loira eslava da rubra bandeira
incute-me o fervor, a lascívia e a paixão
o excelso coito, o deboche e a tesão
e do Amor exogâmico, germinamos a cimeira

Observo-a nua, pérfida e inteira
Nesta ímpia fêmea faço a fusão
Procriamos um ente, um império, a Nação
Furo-a e degusto-a à minha maneira

Perdoai-me Senhor por este desejo iníquo
As eslavas são o arquétipo da mulher
Este luso-semita escreve este verso profícuo

Onde a libido e o sangue plasmam o caracter
E com o meu falo espetado, erecto e oblíquo
Penetro e rasgo o corpo da eslava que me quiser

**Libertação literária primordial**

Sou o escravo acorrentado
Sou o cão açaimado
Sou Falcão engaiolado
Sou o Poeta mais amado

Sou a Moura amordaçada
Sou a luz na alvorada
Sou a caneta rejeitada
A Rainha desprezada

Prisioneiro enclausurado
Sou a infância rejeitada
Experiência de iniciado
Sou a mágoa renegada

Sou o Mundo e a Paixão
Não sou nada, nem Ninguém
Sou tudo, o coração
Rejeito o terreno e o além

Procuro a livre Liberdade
A Catedral grande, Imensa
A sexta-feira da saudade
Renasço em Milão, Florença

Liberta-te destas correntes
Conta do sete até ao nove
Vê Deus quando o mundo chove
Ama laicos, ama crentes

Diz a verdade quando mentes
porque o debaixo sempre sobe
O Equilíbrio do regente nobre
Ama o espelho se algo sentes

Ama a mulher, a tua próxima
Adora-a e venera-a
Ama-la: A tua máxima

Sê a prima, a prima vera
Rejeita a mágoa, a falácia
Sê o manso e sê a fera

## Escrevo…

Escrevo em movimento
Escrevo o que vai na mente
Escrevo com a mão dormente
O que me vai no pensamento

Escrevo com puro contentamento
Escrevo aquilo que é premente
Aquilo que arde, que é ardente
Que traz dor, isolamento

Escrevo com audaz primazia
Os escritos do sofrimento
Escrevo o que traz alegria

O que estimula e traz tormento
E não escrevo aquilo que queria
Amar-te assim no firmamento

## Soneto à lua

Ó lua que estás tão alta
Lua brilhante da imensidão
que evoca o coração
e o desejo que me faz falta

És por quem a mulher se pauta
És quem renega a escuridão
Astro passivo de eleição
A cruz cristã, a cruz de Malta

Quando cheia és reluzente
Levas homens à loucura
Quando nova és deprimente

A escuridão e a lonjura
Mas se nova és, espero o crescente
Amar-te assim cândida e pura

## Para ti doce Flor

Dócil Flor
És quem me adoça a alma
O meu espírito, na palma
Da tua alva mão
Flor do Sol radiante
Flor do Homem, ser pensante
Flor do meu coração

Flor do Mundo
Flor do desejo e delírio
Que rejeita o martírio
Da crua solidão
Bela Flor
Flor da virilidade
Minha Flor de tenra idade
Flor da minha paixão

Vejo-te a face
Contemplo o azul do mar
No teu corpo o luar
De um bosque verdejante
Dócil Flor
Minha Flor adorada
Minha amada, desejada
És a minha terna amante

Flor do campo
Observo-te a face e os traços
Damos as mãos e os laços
de uma bela união
Flor do Cosmos
Dos mares quentes e mornos
Bela Flor de João

Loiros cabelos
Corpos estendidos no campo
Observar o teu encanto
De um belo alvo Amor
Minha doce mulher
Minha deusa do Universo
Sentir este ego imerso
Da mais pura doce Flor

Sou livre
Sou Mouro, sou Judeu
Sou homem indo-europeu
És a minha orquídea da China
Sou budista
Sou Poeta, sou cristão
Venero a Tora, o Alcorão
És a minha doce menina

Louvo o três
Louvo as pirâmides de Gizé
Louvo as estruturas de pé
És a minha Flor campestre
Louvo a Deus
Louvo-te o corpo e os peitos
Somos os dois mais eleitos
És a minha Flor do Leste

Sou Português
Sou Brasileiro, sou Espanhol
Sou Russo, sou Mongol
És a mulher Universal
Sou das Américas
Do Equador, sou Mexicano
Sou índio Americano
Dos mares do Norte, és o Sal

Sou de Gales
Sou dos trópicos, sou Japonês
Sou iniciado Escocês
És a minha doce Flor
Sou do Árctico
Sou cavaleiro Islandês
Sou nobre Português
Nutro por ti, terno Amor

Sou Germano
Sou pianista Austríaco
Sou um belo ser idílico
És a mais pura candura
Sou da China
Sou Dinamarquês, sou Mouro
Sou negro, moreno e louro
No teu corpo a formosura.

Sou Cingalês
Na Argentina, Canadiano
Em Timor, Australiano
És quem me adoça a boca
Sou do Báltico
Nos trópicos sou hiperbóreo
No Árctico, um beijo flóreo
Dois corpos na noite louca

Sou Polaco
Sou homem douto da Hungria
Sou a terra quente e fria
Sou eu que te desejo
Em Barcelona, Madrileno
Sou o Danúbio no Meno
És as águas cândidas do Tejo

Sou da Europa
Sou filósofo Alemão
Sou Inglês, sou Mação
És a Flor de jasmim
Em Meca sou Muçulmano
Venero Ala, meu amo
És a Flor do meu jardim

Venho de África
Em Estocolmo, sou Ruandês
No Bótnia, vejo o Suez
O teu corpo no meu jardim
Em Roma, sou Romeno
No Douro, vejo o Reno
Dir-te-ei sempre que sim

Sou homem-livre
No Congo, sou Francês
Venero o dois e o três
És a minha dócil luxúria
Em Oslo, Jamaicano
Em Helsínquia, sou puritano
És quem me renega a penúria

Sou profano
Venero a estrela de David
Sou hebreu, sou Nazi
És o meu doce pecado
Adorei a suástica
A doutrina eclesiástica
Sou o teu namorado

Sou Pacífico
Em Tóquio sou de Quioto
Sou um samurai louco
És a minha dócil gueixa
Americano
No Paquistão, sou hindu
Contemplo-te o corpo nu
És a amante que não se queixa

Sou do Laos
No Brasil, sou Vietnamita
No Cáucaso, sou Semita
És a mais bela linda Flor
És o Cosmos
Sou as estrelas e os planetas
Sou os astros e os cometas
És o meu grande Amor

*Chica Guapa*
*Mi amada, como te quiero*
*Te veo cuando los ojos cierro*
*Eres mi gran amor*
*Mi princesa*
*Mi adorada y venerada*
*Estás de mi enamorada*
*Eres la luz y el color*

Sou mulato
Sou Guineense na Gronelândia
Sou Lapão, na Mauritânia
És a minha índia da selva
Adoro-te
No Vaticano, sou pecador
Sou missionário, sou doutor
Dois corpos estendidos na relva

*Honey*
*You’re my sweetest girl*
*A friend who’ve became a pearl*
*I see you, and I see heaven*
*Sugar*
*You are my sweet temptation*
*My adored veneration*
*Two of us, form eleven*

*Darling*
*You’re the source of my desire*
*You’re the empress, of my empire*
*You’re my candid lust*
*Sweetheart*
*You’re the passion of my soul*
*We both compose the whole*
*You are the one to trust*

Sou Checo
Em Paris, sou Londrino
Beijo-te, abraço e rimo
Em honra ao teu semblante
Sou Eslovaco
Na Alemanha, sou Polaco
Por ti corro, rasgo e mato
És a minha louca amante

Serenidade
És a minha grande amiga
És bonita, és bem linda
És a calma e a harmonia
Estou tranquilo
Em menino observei-te
Hoje mesmo toquei-te
És a Filosofia

*a uma cândida boreal dama de nome Florbela Alves Almeida*

## A decadência do Império

Roma foi a capital do meu império
Roma é algo que não esqueci
Roma faz parte do pretérito
Roma escolheu o caminho que não escolhi

Roma ao contrário é Amor
Roma faz parte do passado
Roma deu-me prazer, dá-me dor
Roma deixou-me o espírito fustigado

Sem Roma instalou-se-me o caos no mundo
Sem Roma o império desmoronou-se
Sem Roma o civilizado foi ao fundo
Sem Roma o Bárbaro elevou-se

E eu sublimo Roma, porque a amei
E eu escrevo Roma, porque eu sei
Que se a escrever fico calmo
E não procuro nenhum alvo
Para largar a minha fúria
Por ter sofrido tal injúria

E o meu Nero incendeia Roma no tempo
Para que se perca nos horizontes da memória
Mas a mágoa não se apaga com o vento.
Nova Era vem, Roma passa à história

Dirijo-me aos caminhos do contemporâneo
De Roma, resta-me o desejo momentâneo
Mas prossigo, vivo o dia de cada vez
Elevo o falo, a virilidade e o três
Coloco os chifres, e elevo a altivez
Penetro em rias, abro o canal do Suez

Prossigo, sigo e caminho
Adoro a vida, é este o meu hino
Se esta me despreza
Sou eu quem a eleva

É que de Roma, restam ruínas
Preceitos antigos, Deusas femininas
Vénus e Baco, bacanais fecundos
E se Roma conquistou os mundos

Apenas restam parcos escritos
Pilares, templos e mitos
A Cristandade sucedeu
quando Roma pereceu

E se a Eslava, proveniente do Oriente
me ornamentou com os chifres
hirtos, longos e fixes
apenas pronunciou, o império decadente

Eu prossigo, mantenho a vida e a altivez

Porque a vida é só Uma
E a História é Una

dedicado a uma bela lituana de nome Roma

## Egobiografia

João Pimentel Ferreira nasceu em Lisboa ao vigésimo segundo dia do mês de Junho no ano de 1980. Frequentou a creche em Marvila, a escola primária em Xabregas e o ensino básico e secundário na escola secundária Afonso Domingues. Viveu na Avenida Infante D. Henrique no lote 1679 desde a infância até ao ano de 1998, altura em que se mudou para a zona do Parque das Nações. Nesse mesmo ano escreveu o seu primeiro guião para um filme intitulado nascer é morrer, que nunca viria a ser produzido. Tem escrito alguma poesia desde então. No mesmo ano de 1998 entra para o Instituto Superior Técnico para frequentar o curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores. Em 2002, usando o programa Erasmus, parte para a Suécia, onde permanece durante um ano como discente no Instituto Real de Tecnologia de Estocolmo. Retoma o curso em 2003 no Instituto Superior Técnico, vindo a concluí-lo em 2007.

Tem tido diversos e variados tipos de trabalho. Começou a trabalhar em 1997 como ajudante de electricista, na construção do Atrium Saldanha; trabalhou no ano seguinte no parque de diversões do jardim zoológico como maquinista de aparelhos lúdicos; em 2004 trabalhou a introduzir dados no computador para uma empresa de telefones móveis; trabalhou como administrativo de obra na construção de uma torre em Algés e voltou a trabalhar como electricista num prédio na Rua Elias Garcia. No ano de 2006 e no ano de 2009 trabalhou no aeroporto de Lisboa dando assistência a passageiros e lidando com diferentes tipos de pessoas e línguas. Trabalhou no ano de 2007 como Engenheiro numa grande empresa nacional de energia eléctrica na área das protecções a automatismos a fazer desenvolvimento de novos produtos. Desde os princípios de 2010 que é examinador de patentes.

Em 1993 visitou a Tunísia, tendo visitado Tunes, sua capital e quase a totalidade do país, em 1994 visitou a cidade de Londres, em 1995 visitou o arquipélago da Madeira e no ano seguinte o dos Açores. No biénio de 2002 e 2003 visitou Trondaime na Noruega, visitou Helsínquia na Finlândia, visitou São Petersburgo e Moscovo na Rússia, visitou Hamburgo e Berlim na Alemanha e visitou Praga na República Checa. Visitou também a Lapónia, uma região que engloba o norte da Noruega, Suécia e Finlândia. Em 2006 visitou Madrid e em 2007 visitou na Alemanha as cidades de Cassel, Francoforte, Nuremberga e Colónia.

Durante a licenciatura fez parte do Jornal de Estudantes do Instituto Superior Técnico de nome Diferencial. Como redactor elaborou artigos sobre a reestruturação da fonte luminosa na Alameda, sobre as obras do Metropolitano de Lisboa e alguns artigos de foro interno da faculdade. Posteriormente fez parte da direcção tripartida do jornal, onde lhe coube a parte de divulgação do mesmo, da área financeira e da publicidade.

Fez parte e ainda faz, de um grupo de jovens estudantes europeus de tecnologia, que promove o intercâmbio cultural e pedagógico entre as diversas universidades de tecnologia de Europa.

Gosta de jogar futebol, tem um curso avançado de mergulho, tendo mergulhado regularmente em Sesimbra e ao largo do arquipélago das Berlengas, praticou caraté durante alguns anos tendo alcançado o grau de cinturão laranja, aprendeu piano durante um ano a toca algumas pequenas peças de compositores como Mendelssohn e Beethoven.

Gosta de captar, usando lentes e matrizes de sensores ópticos minúsculos que abundam nas metrópoles modernas, as imagens e momentos mais belos e sublimes, apelidando-se a si mesmo amante de fotografia. Gosta de escrever poesia e prosa ocasionalmente. Gosta de música erudita, música répe, música

de traços africanizados e latinos, como samba e quizomba, gosta de música electrónica, música ritmada, e adora ouvir fado. Considera que nestes estilos musicais estão os dipolos dos sentidos humanos, desde a paixão extrema expressa nuns inteligentes acordes de uma terceira sinfonia de Beethoven, até aos sons ritmados, pulsantes, com líricas poéticas de um *rapper* famoso, passando pelo fado mágico, melancólico e depressivo. Estudou Inglês num centro académico onde se lecciona a língua inglesa, tendo atingido o estágio final da sua graduação. Tem alguma prosa e alguns poemas escritos nesta língua. Fala também Espanhol e Francês.

É um interessado pelas ciências modernas e clássicas, interessa-se também por algumas ciências ocultas, como por exemplo numerologia. Gosta de poetas como Camões, Pessoa ou Florbela. Interessa-se pelas ciências que abordam o estudo das línguas do mundo, gosta de Matemática e Física, e é crente num Deus omnipresente, omnipotente e omnisciente, acreditando que é ao Homem que cabe, como ser de livre arbítrio, escolher o caminho que quer tomar.

Gosta de programar, desenhar e conceber algoritmos informáticos, em diversos tipos de linguagem, pois crê que em todos os tipos de linguagens, informáticas ou humanas, se encontram traços de uma semântica comum, sendo a humana a linguagem dos homens e a informática a das máquinas.

Apesar de a vida não lhe ter sido muitas vezes fortunosa, tenta ser um seu amante, deliciando-se com as singularidades e magnificências de uma amante ora doce, ora cruel. E é nestes dipolos que encontra a inspiração para a escrita.

## Índice poético remissivo

Que o nosso amor nunca feneça .......... 9
A Inês de Castro .......... 10
O Cruzado do Amor .......... 12
Um pentagrama sonetial dedicado à Nádia .......... 13
A terna volúpia .......... 16
À idílica eslava .......... 20
Embriaguez .......... 21
Dócil Negrura Dócil Negrura .......... 22
Veneza, a Deusa da água .......... 23
O Poeta paradoxal .......... 24
Amor carnal .......... 25
Audaz primazia .......... 26
À cândida e voluptuosa framboesa .......... 27
Memórias de um doce ritual edénico .......... 28
O Reino divino do amor sedento .......... 29
Os ímpetos intempestivos do âmago .......... 30
Nano-tratado poético sobre
um esbelto semblante Helénico .......... 31
Ímpetos dunares com uma eslava fecunda .......... 32
Soneto à Gomorra Lisbonesa .......... 33
Ignea Aqua .......... 34
A Invicta dos Deuses loucos .......... 35

Sou uma hiena no cio ........................................................ 37
Ode a Lisboa maçã ........................................................ 39
Poetisas escaldantes ........................................................ 41
O sacramento pornocrático ........................................................ 42
À casta e sensual Lúcia ........................................................ 43
A neerlandesa ........................................................ 44
A encarnação do arquétipo ........................................................ 45
Libertação literária primordial ........................................................ 46
Escrevo… ........................................................ 48
Soneto à lua ........................................................ 49
Para ti doce Flor ........................................................ 50
A decadência do Império ........................................................ 56
Egobiografia ........................................................ 59